

“... NÃO TEM JEITO DE EU ACORDAR HOJE E DIZER: HOJE EU NÃO VOU SER MÃE!”: TRABALHO, MATERNIDADE E REDES DE APOIO¹

“... THERE IS NO WAY OF WAKING UP TODAY AND SAY: TODAY I AM NOT GOING TO BE A MOTHER!” WORK, MOTHERHOOD AND SUPPORT NETWORKS

Íris Ferreira de Sousa²
Karla Maria Damiano Teixeira³
Maria das Dores Saraiva de Loreto⁴
Tereza Angélica Bartolomeu⁵

1. RESUMO

O objetivo deste artigo consistiu em analisar, comparativamente, o processo administrativo da interface família-trabalho remunerado para mães jovens e tardias. A amostra foi composta por docentes e funcionárias ativas da Universidade Federal de Viçosa que foram mães entre os anos de 2000 e 2007, com um recorte etário antes dos 25 e depois dos 35 anos de idade. A coleta se deu por meio de uma entrevista fundamentada em um roteiro semi-estruturado. Os resultados apontaram a falta de planejamento familiar pelas mulheres que vivenciaram a maternidade na juventude, havendo a necessidade de contarem com as redes informais para administrarem os diferentes domínios de sua vida. Ao contrário, as mães tardias, ao planejarem a gravidez para um momento em que gozavam de estabilidade profissional, financeira e, até mesmo, conjugal, fizeram maior uso das redes formais de apoio. Constatou-se que a administração da interface – família trabalho remunerado acontece de maneira diferente, sendo facilitada ou não pelas características pessoais, familiares e profissionais vivenciadas.

Palavras-chave: Maternidade tardia, Trabalho remunerado, Redes de apoio social.

¹ Baseado nos resultados obtidos da dissertação de mestrado da primeira autora, intitulada: Redes sociais e maternidade: Diferentes vivências em uma instituição de ensino superior.

² Mestra em Economia Doméstica (DED/UFV). irisousa@yahoo.com.br

³ Prof. Ph.D. da Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Economia Doméstica. UFV. kdamiano@ufv.br

⁴ Prof. Dr^a. da Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Economia Doméstica. UFV. mdora@ufv.br

⁵ Prof. Dr^a. da Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Economia Doméstica. UFV. angelica@ufv.br

2. ABSTRACT

The building a professional career at the same time as pursuing motherhood and other expectations of the woman comes a conflicting relationship of roles. With this perspective, this work was developed, with the goal to characterize the differences, difficulties and possibilities in managing a paid work-family interface, for young and late mothers. Methodologically, to make the comparative study possible, the sample was divided into two groups: women who experienced motherhood at 25 years of age or less, and those who experienced motherhood after 35 years of age. The collection was made by applying a questionnaire followed by an interview. The results showed that most women who experienced maternity in youth did not plan the pregnancy, which occurred at a time when they didn't have emotional and financial stability, which led to the need of family support. In contrast, for late mothers the pregnancy was planned for a moment when they enjoyed professional and financial stability and even marriage, and were able to act more independently of informal support networks, once they had resources to hire services such as maids, nannies and day care. We can conclude that the management interface - family paid work takes place differently in the face of life projects, conditioned to experience motherhood, purchasing power and the access to social networks, although with limited leisure and personal time.

Keywords: Late Motherhood. Paid work. Social support networks.

3. INTRODUÇÃO

Desde a década de 1960, um dos fatos mais marcantes ocorridos na sociedade brasileira é a inserção crescente das mulheres da classe média na força de trabalho. Esse crescimento da participação feminina é explicado por uma combinação de fatores econômicos e culturais, podendo-se citar o avanço da industrialização e a consequente transformação da estrutura produtiva, o crescente processo de urbanização, além da queda da taxa de fecundidade, associada à descoberta da pílula contraceptiva e à dissociação entre sexo e reprodução (SCAVONE, 2001).

De acordo com D`Afonseca (2005), no ano de 1940, a força de trabalho feminina correspondia a 19% da População Economicamente Ativa (PEA) e, em 1990, ela passa a 35% do total. Já em 2009, segundo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística –(IBGE, 2005), a força de trabalho feminina correspondia a 45,1% da PEA.

O trabalho extradoméstico ou remunerado pode assumir significados diferentes. Se em camadas populares esse trabalho é praticamente obrigatório e responsável pelo sustento da família, para mulheres de outras classes sociais ele pode assumir um valor individual, podendo ser um projeto de vida voltado para a satisfação pessoal, de proporcionar “status” e de construção da identidade (TEIXEIRA, 1999; ALMEIDA, 2007). Assim, com o crescimento da sociedade de consumo, desvalorização dos salários, redução do poder de compra, essas mulheres passam a ter um papel importante no sustento das famílias, sendo seu trabalho também considerado essencial.

Ao mesmo tempo, historicamente, as mulheres, independentemente da classe social, sempre foram centrais no funcionamento da família e na realização do trabalho do lar - ter filhos, cuidar dos filhos e demais familiares, cozinhar, limpar e administrar o trabalho da casa (MCGOLDRICK, 1995). Ao ingressarem no mercado de trabalho remunerado, as mulheres assumem mais um papel, tendo que realizar, muitas vezes, uma dupla ou tripla jornada de trabalho, a fim de atender as diferentes demandas, escolhas e necessidade pessoais e do grupo familiar.

Essa situação gera insatisfações e dúvidas sobre qual faceta da vida priorizar – trabalho ou família. Uma das estratégias adotadas pelas mulheres é o adiamento da formação da família⁶.

Em determinados períodos, as mulheres tendem a favorecer um lado de suas vidas em detrimento do outro, sendo que o ambiente beneficiado pode mudar com o tempo. Enquanto, em alguns momentos, elas podem priorizar o ambiente familiar (mães jovens⁷), em outros, podem centrar sua energia no ambiente laboral e, assim, adiar a

⁶ Para este estudo, a família terá início com o nascimento dos filhos, uma vez que muitas das mulheres por opção ou não, não se casaram.

⁷ São consideradas mães jovens aquelas que tiveram o primeiro filho com 25 anos ou menos (conceito adaptado trabalho de Gottesman (1992) citado por Gomes et al (2008).

“... Não tem jeito de eu acordar hoje e dizer...”

formação de suas famílias e/ou da maternidade (maternidade tardia⁸). E apesar de ocorrer um desequilíbrio a curto prazo, o equilíbrio retorna (TEIXEIRA, 2004).

Trabalhos como os de Fabbro (2006) sugerem, as mulheres que vivenciam a maternidade em momento de juventude usufruem de uma maior atenção e apoio de seus familiares, em especial de sua mãe. Além disso, encontram maior número de grávidas em seu ciclo de amizades, podendo trocar experiências, em contraste com aquelas que optam pela maternidade tardia (ANDRADE, 2004).

Entretanto, as mulheres mais jovens são menos instruídas e menos qualificadas, recebendo salários menores e, quando não encontram o apoio de familiares, são obrigadas a abandonar o emprego ou reduzir a jornada de trabalho (KONIG *et al.* 2008).

Já as mulheres que vivenciam a maternidade após os 35 anos possuem um perfil diferente: a maioria vive em união estável; é economicamente ativa; vive em uma família com renda superior a dez salários mínimos; e apresenta maior nível de escolarização. Normalmente, permanecem no trabalho por tempo integral, mesmo com o nascimento da criança, e usufruem de condições que proporcionem ficar mais tempo com a criança, como, por exemplo, o acúmulo de férias, férias-prêmio, que podem ser usufruídas antes e depois do parto. Ao possuírem um melhor salário, podem, ainda, contratar profissionais para que assumam o cuidado de seus filhos em sua ausência (FABBRO, 2006).

As vantagens vivenciadas pelas mães tardias, em termos financeiros e educacionais, são contrapostas com o fato de as mães jovens poderem contar com o apoio de suas redes familiares, uma vez que, neste momento, seus membros estão mais jovens e disponíveis, em especial suas mães. De acordo com Dessen e Braz (2000), o principal apoio e o preferido pelas mães é o de suas próprias mães devido à afinidade e confiança. Diante desse contexto, cabe salientar que as avós, quando jovens, dispõem de um maior vigor físico e mental, diferentemente daquelas que são avós após os setenta anos e que podem já apresentar alguns sinais referentes ao processo de envelhecimento.

Os estudos de Dessen e Braz (2000) e Portugal (2004) sugerem que o suporte das redes sociais seria uma forma de “conciliação” da interface entre a família e o

⁸ De acordo com a definição de 1958 do Conselho da Federação Internacional de Ginecologia e Obstetrícia, definiu-se maternidade tardia como a maternidade de pacientes primíparas com mais de 35 anos (ANDRADE *et al.*, 2004).

trabalho remunerado, uma vez que entre os apoios recebidos pelas famílias estão o cuidar dos filhos pequenos por algum membro da rede, enquanto os pais não estão presentes.

Assim, problematizou-se que as mulheres ao vivenciarem a maternidade, administram dois domínios da vida – família e trabalho remunerado – de maneira diferente, dependendo da idade em que tiveram o primeiro filho.

Diante deste contexto, este artigo tem como objetivo analisar, comparativamente, o processo administrativo da interface família-trabalho remunerado para mães jovens e tardias.

4. METODOLOGIA

A pesquisa que originou este artigo teve como campo empírico a Universidade Federal de Viçosa (UFV), sendo o universo amostral constituído por docentes e técnicas administrativas da referida Instituição.

O critério para a inclusão das mulheres na amostra foi ter sido mãe com 25 anos ou menos, ou após os 35 anos de idade, entre os anos de 2000 a 2007. Das 67 mulheres que atenderam ao critério de seleção, 18 não participaram, sendo que 4 se recusaram a participar da pesquisa, uma se aposentou e não foi localizada, e as outras 13 se encontravam em treinamento ou estavam atuando em outros campi. Logo, a amostra foi constituída por 46 mulheres (68,65% da população), sendo 28,2% mães jovens e 71,8% mães tardias.

As técnicas utilizadas para coleta de dados foram a análise documental, que constou de uma consulta ao banco de dados da Pró-Reitoria de Gestão e Pessoas (PGP) da UFV e da Diretoria de Tecnologia da Informação (DTI)-UFV, a fim de recolher informações prévias e indicar as mulheres que comporiam a amostra da pesquisa; e, a entrevista fundamentada em um roteiro semi-estruturado.

Os dados foram analisados utilizando-se técnicas estatísticas descritiva e a análise de conteúdo.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1. Maternidade e projetos de vida

“... Não tem jeito de eu acordar hoje e dizer...”

Com relação ao momento da gravidez e nascimento dos filhos das mães jovens, 23,1%(N=3) eram casadas oficialmente ou mantinham uma relação estável e, também, já possuíam o curso superior completo. Para as outras 76,9%(N=10), a gravidez aconteceu durante a fase do namoro, não tendo sido planejada, sendo que, deste total, 40%(N=4) se separaram dos seus respectivos namorados logo após o nascimento do filho. Em termos de educação, 23%(N=3) cursavam o ensino médio ou estavam em fase de preparação para o vestibular e 54%(N=77) estavam cursando o ensino superior e as outras 23%(N=3) já tinham concluído o ensino superior. Agrupando as que estavam cursando o segundo grau ou ensino superior, 60% (N=6) conseguiram concluir o ensino superior após o nascimento dos filhos, mas todas relataram ter adiado a colação de grau ou até mesmo ter mudado de curso ou de instituição para facilitar sua conclusão.

Com relação ao planejamento da gravidez para as mães jovens, 84,6(N=11) responderam que não a planejaram e 69,2%(N=9), consideram que aquele não era o melhor momento para se ter um filho e que se tivessem planejado teriam adiado a maternidade. O elemento central deste processo estaria no investimento feminino em sua carreira profissional ou no trabalho fora de casa, que teria trazido novas possibilidades e projetos além da vida doméstica e familiar, conforme pode ser ilustrado no relato seguinte:

... Eu não tive minha filha aqui. Eu fui para Londrina casa dos meus pais ... Eu comecei a trabalhar, eu tinha que organizar meu tempo eu queria voltar a estudar, mas eu tive que adiar... Se eu fosse estudar seria muito, impossível, naquele momento, a eu tive que esperar só no ano passado que o retornei, e comecei a estudar novamente (PI, mãe aos 24 anos).

Como apontam König et al. (2008), a mulher, quando vivencia a maternidade muito jovem ou não planeja a gravidez, não consegue administrar os compromissos advindos com a maternidade e limitam seus sonhos e seus projetos de vida durante um período, repercutindo, assim, na vida pessoal, familiar, social e educacional.

Durante a maternidade, inúmeras transformações ocorrem na vida dos pais e no cotidiano; contudo, quando essa maternidade acontece muito jovem, tais mudanças alteram sua vida escolar e distanciam a mulher do grupo de convivência e de seus projetos de vida. A mãe, quando muito jovem, não tem estabilidade emocional e, na maioria dos casos, abandona os estudos para procurar um emprego, fato que irá interferir nos seus projetos de vida (KONIG *et al.*, 2008).

Cabral (2003) corrobora dizendo que a gravidez não planejada acontece normalmente entre os jovens e que ela é prejudicial para as mães, uma vez que a responsabilidade com a criança recai mais sobre a mulher do que sobre o homem.

Todas as entrevistadas, que disseram não ter planejado a gravidez, afirmaram que não possuíam estabilidade profissional e financeira e os avós de seus filhos tiveram um importante papel no sustento e cuidado das crianças, uma vez que os pais de seus filhos, na grande maioria, também não gozavam de tais estabilidades.

Entretanto, para as mães tardias, a realidade foi diferente. Todas relataram que eram casadas oficialmente ou possuíam uma relação estável com os pais de seus filhos quando engravidaram. No momento da gravidez, 12,1% (N=4) possuíam ensino médio e não tinham interesse de cursar o ensino superior, pois já possuíam estabilidade profissional. Em contrapartida, todas as demais já tinham concluído, no mínimo, o ensino superior. Destas, no momento da entrevista, 15,1% (N=5) possuíam o superior completo; 21,2% (N=7), especialização; 6,1% (N=2), mestrado; 24,2% (N=8), doutorado; e 21,2% (n=7) possuíam pós-doutorado. Esses dados refletem um quadro de estabilidade financeira e o plano de vida já alcançado, diferentemente das mães jovens.

Quando se questionou às mães tardias o planejamento da gravidez, 72,7% (N=24) responderam ter planejado a gravidez e mesmo aquelas que não a planejaram, responderam ter sido o melhor momento para ter um filho, perfazendo um total de 85, % (N=28) aquelas que afirmaram que a gravidez se deu no momento certo. Isso ficou evidenciado nas falas de algumas entrevistadas:

... naquele momento eu queria, e eu não disse vai ser agora, mas, foi no momento que eu já estava sentindo que podia ser mãe (JM, mãe aos 36 anos).

Na entrevista, 81,8% (N=27) das mães tardias responderam que estavam emocionalmente e profissionalmente preparadas para uma gravidez e 75, 7%, (N=25) economicamente. As mães tardias relataram um planejamento da gravidez no qual os projetos individuais foram priorizados e que eram normalmente relacionados ao sucesso profissional. Por isto, estas mães optaram por primeiro concluir os estudos, alcançar o posto de trabalho desejado e, conseqüentemente, a estabilidade econômica e emocional, sendo, pois, uma decisão pessoal, não compartilhada com o cônjuge.

“... Não tem jeito de eu acordar hoje e dizer...”

Essa realidade apontada pelos dados está de acordo com os estudos de Guedes (2006), no qual as mulheres que possuem uma maior escolarização têm maiores possibilidades de articular a vida familiar e trabalho. Os estudos de Teixeira (1999), Teixeira (2004) e Fabbro (2006) também refletem os dados apresentados, uma vez que as mulheres que planejam a gravidez tendem a priorizar os estudos e a carreira profissional, vivenciando, assim, a maternidade num momento posterior.

... eu acho que estava mais preparada nessa idade mesmo. Eu acho que pelo fato de eu ter feito um plano de vida, de trabalho, de estudos, se ele tivesse vindo no meio do doutorado, aí eu tinha me apavorado... (AT. mãe aos 38 anos).

Tal resultado indica que carreira e filhos são questões centrais para o planejamento feminino, embora as mulheres possam ter preferências distintas com relação a filhos e trabalho. Em outras palavras, as mulheres podem preferir ter filhos a trabalhar, ou trabalhar a ter filhos. Para outras, as prioridades se alternam ao longo do tempo.

5.2. Rotinas Domésticas e Laborais: Desafios e Possibilidades

Foi de importância para o estudo a identificação da rotina das mães para a análise da maneira como administraram diferentes e, muitas vezes, conflitantes demandas e necessidades do ambiente familiar e laboral.

A rotina, assim como as tarefas de cuidados com os filhos, criação, afeição, proteção e auxílios nos deveres de casa, eram semelhantes para as mães jovens e mães tardias. Todavia, a forma como elas encaravam e administravam essas tarefas, assim como as sobrecargas, eram diferentes e estavam relacionadas à posição ocupada por estas mulheres no mercado de trabalho, à participação do companheiro e ao valor da remuneração.

Com relação à posição ocupada no mercado de trabalho, as docentes possuíam uma sobrecarga de trabalho maior que as técnico-administrativas, pois o trabalho não se esgotava e sua execução não ficava restrita ao local de trabalho formal, sendo, muitas vezes, necessário trabalhar à noite, aos finais de semana e feriados. É importante ressaltar que a grande maioria das mães tardias eram docentes. A maneira de conciliar a sobrecarga de trabalho com as demandas familiares era por meio da divisão das

responsabilidades domésticas e de cuidado com os filhos com o companheiro, empregados e instituições formais, delegando as tarefas domésticas a terceiros e estabelecendo prioridades. A estabilidade financeira permitia a contratação de pessoas ou serviços especializados, como pode ser constatado na fala seguinte:

Era eu, ele participava também, passava roupa. Então, arrumar a casa e passar roupa era a função dele. Eu lavava roupa, eu que cozinhava e também o que facilitou, é que minha filha ficava na creche o dia inteiro, e como eu ficava, almoçava na rua, e final de semana ficava para arrumar a casa, lavar roupas entendeu!?...Acho sim, me sinto privilegiada comparada a outras pessoas amigas e amigos de amigas minhas que falam nossa, ele te ajuda muito. Mas ele me ajuda bastante e eu não posso reclamar (ED, mãe aos 37 anos).

Apesar de, nesta fala a mulher indicar a participação masculina na realização do trabalho doméstico, esta estava reduzida à execução de uma atividade. Porém, como culturalmente a tarefa doméstica compete à mulher, esta mulher ainda se sentia privilegiada, mesmo tendo que realizar a maior parte das tarefas domésticas e ter seu final de semana comprometido com esta obrigação. Além disso, a participação do companheiro no cuidado com os filhos e a casa era restrita aos horários em que ele não estava em seu trabalho. Assim, as mulheres tinham que buscar outras soluções, sendo a empregada doméstica ou outros parentes importantes para a conciliação de diferentes atividades, conforme indicam as seguintes falas:

... o ano passado nós fomos a um congresso no Uruguai e minhas irmãs, eu tenho três irmãs, mas todas trabalham não podiam dispor de ficar comigo ficar com os meninos então com quem que eu tive que contar? Com a pessoa que trabalha comigo: com a secretária (MR, aos 38 anos).

... eu não criei meu filho sozinha, eu não tive ajuda da minha família, mas eu sempre tive outras mulheres que estavam ali me ajudando, que cuidam da minha casa. Enquanto eu estou aqui tem gente lá na minha casa, fazendo o almoço pra mim. Quando eu estou dando aula, para buscar meu filho na escola para a mim... (DA, mães aos 36 anos).

... mas por outro lado, eu tinha o poder financeiro e pude contratar uma babá, ter alguém para me ajudar, mas não em termos de família (A, mãe aos 38 anos).

Para Oliveira (2009), a participação do parceiro também pode influenciar na administração da interface família-trabalho remunerado, uma vez que o tempo dedicado à família é influenciado pela demanda do lar e pelo suporte instrumental e emocional que o parceiro venha a oferecer. Sendo assim, quanto maior o apoio do companheiro provavelmente menores serão as pressões e conflitos.

“... Não tem jeito de eu acordar hoje e dizer...”

As mães jovens, por sua vez, possuíam, em média, um salário inferior às mães tardias e, para conciliar a duplicidade de papéis, recorriam às suas mães para deixar os filhos durante o horário da jornada de trabalho ou contratavam babás ou creches. Estas mulheres 69,2% (N=9) assumiam mais as tarefas domésticas que as mães tardias 30,8% (10), uma vez que não possuíam renda suficiente para a contratação de serviços ou profissionais. A ausência do parceiro também contribuía para a sobrecarga de trabalho destas mulheres.

Aí não participou em nada, [...] Ele diz que trabalha muito. E acaba sobrando muito para mim (MN, mãe aos 21 anos).

Só moramos nós duas [...] Eu tentava conseguir o máximo de tempo quando ela dormia... Aí eu pegava e ficava até meia-noite. E quando eu tinha que estudar eu pegava qualquer tempinho, horário de almoço, final de semana, [...] Era apertando um pouquinho, diminuindo pouquinho lá, para conciliar (CA, mãe aos 21 anos).

Uma outra dificuldade abordada pelas entrevistadas de ambos os grupos 71,7% (33) foi a de estar longe dos familiares, por ter saído das cidades de origem para residir em Viçosa em busca de estudo ou por causa do emprego.

... eu teria mais apoio que aqui em Viçosa... uma noite, uma tarde eu deixaria tranquilamente com a minha mãe, mesmo ela sendo idosa eu deixaria, aqui não tem condições de levar para lá (TA, mãe aos 38 anos).

Como apontam Carvalho e Almeida (2003), a família é mediadora entre o indivíduo e a sociedade, atuando como espaço de produção e transmissão de pautas e práticas culturais, sendo a responsável pela organização cotidiana de seus integrantes e pela produção e distribuição de recursos para a satisfação das necessidades básicas de seus componentes. Contudo, as funções da família se modificam e são executadas diante das demandas e situações de adversidade, ou seja, os membros da família tendem a se organizar e a se reestruturar quando solicitados.

Além da distância, outra questão levantada pelas entrevistadas foi de as possíveis redes de apoio, ou seja, de membros da família também estarem no mercado de trabalho. Assim, recorriam à contratação de terceiros. De acordo com Rizzini, (2001), as famílias têm vivenciado transformações em sua estrutura, composição e tamanho, além do aumento significativo do número de membros inserido no mercado de trabalho. Essas mudanças interferem no número de membros familiares disponíveis para ajudar nos momentos de necessidade e para assumir o cuidado de membros

dependentes, seja devido à idade ou à presença de alguma doença ou necessidade especial.

Contudo, apesar de a estabilidade financeira permitir às mães tardias a contratação de serviços que as auxiliassem na administração de sua vida familiar e laboral, as atividades de cuidados pessoais e de lazer eram relegadas a segundo plano. Elas relataram dificuldades em sair para ir ao salão, fazer unha, cortar cabelo, comprar roupa, fazer ginástica ou, até mesmo, tempo para descanso. Numa escala de prioridades, o tempo pessoal era o último.

Para os dois grupos, as atividades pessoais, como comprar roupas e ir ao salão, eram solucionadas com um planejamento prévio dessas atividades e, principalmente, com a participação do companheiro que assumia os cuidados do filho durante aquele período. Contudo, as atividades de lazer para o casal ficavam mais prejudicadas, pois as entrevistadas priorizavam as atividades em que o filho também podia participar.

... uma coisa que eu tive que abrir mão mesmo é exatamente tempo para mim, porque no final de semana eu tento fazer alguma atividade com minha filha, com meu marido, às vezes, até com minha mãe e com meu pai... Então, tempo para mim não tem. (PI, mãe aos 24 anos).

Não tem jeito de eu acordar hoje e dizer: hoje eu não vou ser mãe, então não tem jeito... sinto falta de ter tempo livre para mim, de não fazer nada. De ter que chamar a atenção, de ter meia hora de silêncio que não tenho condições, a não ser quando meu filho sai para visitar um amiguinho. A gente mora longe da família, então... Às vezes tem um show bacana, um espetáculo e eu quero ir e não tenho com quem deixar. Quando dá para ele assistir vamos juntos. (DA, mãe aos 36 anos).

A dupla ou tripla jornada destas mulheres interferia em vários aspectos de suas vidas. Das mães jovens, 84,7% (N=11) relataram que diminuiriam suas atividades de lazer depois da maternidade; 69,3% (N=9), o tempo dedicado ao parceiro; e, 61,6% (N=8), o investimento na carreira profissional. Das mães tardias, 72,7% (N=24) diminuiriam ou modificaram as atividades de lazer; 68,5% (23), o tempo dedicado ao parceiro; e, 54,3% (N=18), o investimento na carreira profissional.

Quanto ao lazer, Pinto (2008), ao estudar as relações entre a família, o trabalho e o lazer, identificou que os professores universitários são, em sua maioria, acompanhados de membros familiares durante os momentos de lazer. Logo, o tempo pessoal fica prejudicado. Os dados estão de acordo com Silva (2006), que afirma que as mães que possuem um trabalho remunerado apresentam perdas significativas no lazer,

“... Não tem jeito de eu acordar hoje e dizer...”

uma vez que, para compensar o déficit de tempo do trabalho ou da família, reduzem esse tipo de atividade.

Corroborando essa ideia, Garcia (2005) afirma que as mães que possuem um trabalho remunerado não demonstram grande adesão às atividades de lazer, pois a sua rotina de trabalho é acrescida pelas tarefas domésticas e pela atenção dedicada aos filhos. Arelado a isso estão o cansaço físico e a dispensa da babá nos fins de semana e à noite. Diante disso, as atividades de lazer se restringem, assim, a assistir TV e ao convívio familiar nos finais de semana, sendo atividades que proporcionam prazer; e práticas esportivas, passeios e ginástica são excluídos por falta de tempo e por não ter com quem deixar os filhos. Contudo, o mesmo autor indica que as mães mais escolarizadas têm mais tempo dedicado ao lazer por serem mais críticas com relação à divisão das atribuições entre toda a família. Porém, este resultado não foi encontrado nesta pesquisa.

As mães tardias ainda relataram que as atividades de lazer se modificaram, pois elas adaptaram suas atividades àquelas que os filhos pudessem participar. Em contrapartida, as mães jovens se mostraram mais insatisfeitas, pois tiveram que abrir mão de atividades prazerosas, como ir a shows e festas noturnas, o que talvez possa ser explicado pela faixa etária em que se encontravam.

...queria mais tempo para dedicar a mim. Ir ao salão... Sair com os amigos, porque não é todo lugar a que a gente vai que pode levar uma criança. Se for sair à noite não tem como levar... Então, às vezes, a gente deixa de ir (FA, mãe aos 25 anos).

...o meu lazer é aquele com a minha família: minha filha, meu marido. As atividades são mais para ela aproveitar, como o clube. Tem muitas atividades, mas não como quando eu era solteira não tinha filho... Shows!, há muito tempo que eu não vou em nenhum (RS, mãe aos 25 anos).

...durante a semana é bem apertado para administrar o tempo... Para família é final de semana e durante a semana é só depois das dez e meia da noite, porque eu tenho faculdade (CA, mãe aos 21 anos).

Logo, as alterações na realização das atividades de lazer são consequências da maternidade e, não, da idade na qual a maternidade foi vivenciada.

O acesso às instituições de educação infantil também foi importante para as mães jovens ou tardias. Algumas relataram que, se não fosse a possibilidade de deixar os filhos na creche, não os teriam tido. Entretanto, um fator que sobressaiu foi a citação

do Laboratório de Desenvolvimento Infantil, que é uma instituição de educação infantil do Departamento de Economia Doméstica/ UFV. A instituição, próxima ao local de trabalho, facilitou o deslocamento com os filhos e o contato, permitindo a amamentação, as visitas e o sentimento de segurança, por saberem que os filhos estavam num local próximo ao trabalho.

Isto está de acordo com os trabalhos de Sorj (2007) e Bruschini (2009), que afirmam que as creches constituem uma política de conciliação entre trabalho e família.

De acordo com Pacheco e Dupret (2005), as creches surgem frente à necessidade de as mulheres saírem de casa para trabalhar e, conseqüentemente, terem seu tempo de dedicação para os cuidados da casa e dos filhos reduzido. Contudo, no Brasil, essas instituições nascem no início do século XX e são destinadas às camadas populares, estando associadas a uma preocupação assistencialista e higienista.

Na década de 1960, com a maior organização do proletariado e a crescente participação das mulheres na força de trabalho, novos elementos são introduzidos à questão do atendimento a crianças em creches, como uma forma de conciliação do trabalho feminino e a família.

Entretanto, há de se ressaltar que tais instituições funcionam no período no de 08:00 às 18:00 horas, de segunda a sexta-feira, por sua vez no período noturno e nos finais de semana as mães não têm acesso a uma rede formal e sistemática com que contar, constituindo um problema para aquelas que têm o trabalho no período noturno, como, por exemplo, as docentes de cursos que são oferecidos à noite e para todas as mulheres que ao chegar a casa têm outras atividades a fazer. Mesmo as mães que relatam ter empregada todos os dias, ao chegarem em casa precisam, ainda, cuidar de alguns detalhes.

A não flexibilidade destes serviços dificulta a vida pessoal destas mulheres interferindo no tempo livre do trabalho remunerado e dificultando principalmente as atividades de lazer.

Os resultados deste estudo apontam que as mulheres têm encontrado uma estrutura de apoio para o cuidado dos seus filhos durante o seu trabalho remunerado. Contudo, não se encontra essa mesma estrutura pós-trabalho, pois não são raros os casos de mulheres que relatam levar trabalho para casa, e em sua totalidade as mulheres ao chegarem a casa deparam com uma segunda jornada de trabalho, havendo os cuidados

“... Não tem jeito de eu acordar hoje e dizer...”

com os filhos e as tarefas domésticas. E mesmo aquelas que dispõem de uma empregada de forma sistemática precisam administrar as tarefas sob a forma de dar instruções, elaborar cardápios, fazer compras etc.

Apesar de uma maior flexibilização nos papéis, em que homens começam a participar dos afazeres domésticos, os custos da reprodução biológica, assim, como aqueles relacionados à responsabilidade e ao trabalho doméstico, e de cuidado das pessoas, continuam sendo atribuídos a mulheres e confinado ao âmbito não mercantil (ABRAMO e TODARO, 2008).

As mulheres relatam que a falta de uma estrutura para horários que não o de habitual de atendimento das creches dificulta suas atividades de lazer e o tempo dedicado a si próprias.

Acabou meu lazer, eu sempre gostei muito de caminhar. Agora não posso mais caminhar, assistir a um teatro, a uma apresentação de dança. E ficou difícil porque, como eu ia levar uma criança para ver um teatro! Ela chorava muito... Então, ficou completamente comprometido (EM, mãe aos 35 anos).

Os dados estão de acordo com Araújo e Scalón (2005), que afirmam que a rotina de trabalho associada às responsabilidades familiares comprometem as atividades de lazer feminina, sendo o tempo livre para atividades pessoais praticamente inexistente.

Como já haviam revelado os estudos de Meuders *et al.* (2008), os dados desta pesquisa apontam que a sobrecarga de trabalho se potencializa devido à falta de equipamentos públicos, comunitários e sociais pelos quais essa carga pudesse ser minimizada e distribuída socialmente.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo, embora restrito a uma pequena parcela da população feminina inserida no mercado de trabalho e a um segmento restrito, indicou que as mulheres, ao definirem o momento para ter filhos, o fazem, em sua maioria, de forma consciente. Em outras palavras, elas buscam o equilíbrio na dedicação entre o trabalho e a família. Ter filhos de forma responsável significa, para elas, estabilidade profissional, emocional e conjugal. Por isso, muitas optaram pelo adiamento da maternidade.

Porém, ao comparar mães jovens e tardias, percebeu-se que os problemas e as dificuldades não diferem entre si, pois o que facilita a administração das diferentes

demandas e necessidade dos ambientes laboral e familiar é o poder aquisitivo e a facilidade de acesso às redes informais e formais.

Logo, embora os filhos das mães jovens normalmente possuam avós jovens que poderiam auxiliar nos cuidados quando não há renda suficiente para a contratação de serviços, estas mães residem, muitas vezes, longe de suas famílias, sendo, um dos motivos, os estudos. Assim, a ajuda vem na forma de apoio emocional e financeiro. Por outro lado, as mães tardias, devido ao planejamento, possuem maior facilidade para acessar as redes formais, caso das creches e contratação de babás.

Entretanto, apesar da presença dessas redes formais na conciliação do trabalho e maternidade, há uma redução no tempo pessoal e na prática de lazer, em função da construção de uma carreira profissional e o cuidado dos filhos.

As possibilidades da administração dos diferentes papéis da mulher são condicionadas pela presença do filho, uma vez que o papel de mãe será levado para o resto da vida.

7. REFERÊNCIAS

ABRAMO, L. TODARO, R. Custos do trabalho de homens e mulheres na América Latina. In: COSTA, A. O.; SORJ, B.; BRUSCHINI, C.; HIRATA, H. **Mercado de trabalho no Brasil e gênero comparações internacionais**. Rio de Janeiro: FGV, 2008. cap.8, p.141-158.

ALMEIDA, L. S. Mãe, Cuidadora e trabalhadora: as múltiplas identidades de mães que trabalham. **Revista do Departamento de Psicologia – Universidade Federal Fluminense - UFF**, v. 19, n. 2, p. 411-422, 2007.

ANDRADE, P. C.; LINHARES, J. J; MARTINELLI, S.; ANTONINI, M. LIPPI, U. BARACT, F. F. Resultados perinatais em grávidas com mais de 35 anos: estudo controlado. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, v.26, n.9, p. 697-702, 2004.

ARAÚJO, C; SCALON, C. **Percepção e atitudes de mulheres e homens sobre conciliação entre família e trabalho pago no Brasil**. In:Gênero, família e trabalho no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.

BRUSCHINI, M. C. A Família e Trabalho: difícil conciliação para mães trabalhadoras de baixa renda. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 136, p.93-123, 2009.

BRUSCHINI, M. C. A., RICOLD, A. M. **Articulação trabalho e família: famílias urbanas de baixa renda e políticas de apoio às trabalhadoras**. São Paulo: FCC/DPE, 2008.

“... Não tem jeito de eu acordar hoje e dizer...”

CABRAL, C. S. Contracepção e gravidez na adolescência na perspectiva de jovens pais de uma comunidade favelada do Rio de Janeiro. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.19, n. 2, p.283-292, 2003

CARVALHO, I. M. M.; ALMEIDA, P. H. Família e proteção social. **São Paulo em perspectiva**, v.17, n.2, p. 109-122, 2003.

D`AFFONSECA, S. M. **Prevenindo fracasso escolar: comparando o autoconceito e desempenho acadêmico de filhos de mães que trabalham fora e donas de casa**. São Carlos/ SP.2005. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) Universidade Federal de São Carlos, São Carlo, 2005.

DESSEN M. A. BRAZ, M. P. Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Vol. 16, n. 3, p. 221-231, 2000.

FABBRO, M. R. C. **Mulher e trabalho: problematizando o trabalho acadêmico e a maternidade**. São Paulo/SP. 2006. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Estadual de Campina-UNICAMP, Campinas, 2006.

GARCIA, A. B. Representações sociais da cultura corporal de lazer entre mulheres auxiliares de limpeza. **Revista Digital**. Buenos Aires, v.10, n.5, 2005.

GASPARONI, M. M. **Famílias, redes sociais e empoderamento: uma análise no programa de erradicação do trabalho infantil-Ubá/MG**. Viçosa/MG. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2007.

GOLDANI, A. M. Família, gênero e políticas: famílias brasileiras nos anos 90 e seus desafios como fator de proteção. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v.19, n.1, p. 29-48, 2002.

GUEDES M. C. “Condição na família e parturição das mulheres mais escolarizadas: possíveis articulações com o mercado de trabalho”. **Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, Caxambu – MG –Brasil, setembro de 2006.

IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/htm>>. Acesso em: 25 mar. 2009.

IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística Disponível em: <<http://www.primeiraedicao.com.br/?pag=negocios&cod=4970>>. Acessado em 09 de fev. de 2010.

KONIG, A. B. FONSECA, A. D.;GOMES, V. L. O. Representações sociais de adolescentes primíparas sobre "ser mãe". **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v.10, n.2, p. 405-413, 2008.

MCGOLDRICK, M. (1995) As mulheres e o ciclo de vida familiar. In: Carter, B. & McGoldrick, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas (p. 30-64).

MEULDERS, D.; PLASMAN, R.; HENAU, J.; MARON, L.; DORCHAI, S. A Europa, condições de trabalho e políticas públicas. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 611 – 640, 2007.

Observatório Brasileiro de Informações sobre Drogas (OBID). **Tratamento/ Reinserção Social/ Definição**. Disponível em: www.Obid.senad.gov.br. Acesso em: 15 de Jul. 2010.

OLIVEIRA, S. F. L. **Conflitos trabalho-família e o uso de práticas de suporte instrumental em empresas fabricantes de eletroeletrônicos de Caxias do Sul**. Caxias do Sul/RS. Dissertação (Mestrado em Administração) Universidade de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, 2009.

PACHECO, A. L. P. B.; DUPRET, L. Creche: desenvolvimento ou sobrevivência? **Revista de Psicologia USP**, v.15, n.3, p. 103-116, 2004.

PINTO, S. G. **Relações entre família, trabalho e lazer: o caso dos professores da Universidade Federal de Viçosa**. Viçosa/MG. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2008.

PORTUGAL, S. As mãos que embalam o berço: um estudo sobre redes informais de apoio à maternidade. Estudos de Sociologia. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE**, v. 10, n. 12, p. 185-210, 2004.

----- Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica. **Faculdade de Economia e Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra**, n.271, p. 2-35, 2007.

RIZZINI, I. Crianças, Adolescentes e suas Bases Familiares: Tendências e Preocupações Globais. In: SOUSA, S. M. e RIZZINI, I. (Coords.). **Desenhos de família criando os filhos: a família goianiense e os elos parentais**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2001.

RODRIGUES, M. C. **Vivências da maternidade tardia, cotidiano e qualidade de vida: a perceptiva feminina**. Viçosa/MG. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2008.

SCAVONE, L. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. **Interface Comunicação, Saúde, Educação**, v.5, n.8, p.47-60, 2001.

SILVA, J. V. A. Relação trabalho e família de mulheres empreendedoras. **Revista Perspectiva Contemporânea Campo Mourão**. v.1, n.1, p. 1-18, 2006.

“... Não tem jeito de eu acordar hoje e dizer...”

SORJ, B.; FONTES, A.; MACHADO, D. C. Políticas e Práticas de Conciliação entre Família e Trabalho no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 573-594, 2007.

TEIXEIRA, K. M. D. Perspectivas para a teorização acerca da instituição família - uma breve apreciação. **Oikos**, Viçosa - MG, v. 15, n. 2, p. 359-364, 2004.

TEIXEIRA, E. T. N. **Adiamento da maternidade: ser mãe depois dos 35 anos**-Rio de Janeiro/RJ. 1999.77f. Dissertação (Mestrado em Ciências na Área de Saúde Pública) Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 1999.

*Recebido em 17 de março de 2011 Aceito em 01 de junho de 2011.